

Sinonímias

- elementos de pós-autogenias –

Lúcio Packter

Tainara Alice Munaretto Oliveira (desenhos)



Caderno da Semana de Estudos 2018

Ponta das Canas, 21 a 28 de julho

Meus brinquedos...
Coquilhos de palmeira.
Bonecas de pano.
Caquinhos de louça.
Cavalinhos de forquilha.
Viagens infindáveis...
Meu mundo imaginário mesclado à realidade.
Cora Coralina

Eu prefiro ter um bom símbolo de meu pensamento, ou uma boa analogia, do que o sufrágio de Kant ou Platão. Se você concorda comigo, ou se Locke ou Montesquieu concordarem, eu ainda assim posso estar errado; mas se o olmo pensa a mesma coisa, se a água corrente, se o carvão em brasa, se os cristais, se os álcalis, em suas diversas formas dizem o que eu digo, deve ser verdade.
Ralph Waldo Emerson

Bem-aventurados os mansos,
porque eles herdarão a terra;
Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça,
porque eles serão fartos;
Bem-aventurados os misericordiosos,
porque eles alcançarão misericórdia;
Bem-aventurados os limpos de coração,
porque eles verão a Deus;
Bem-aventurados os pacificadores,
porque eles serão chamados filhos de Deus.

Mateus 5:5-9

Apresentação

Caro estudioso de Filosofia Clínica,

Este é um caderno especialmente feito para os colegas que participarão da Semana de Estudos 2018 em Ponta das Canas, Florianópolis, de 21 a 28 de julho de 2018.

Inicialmente, os elementos fundamentais das Autogenias são imprescindíveis para a compreensão das Sinonímias segundo os estudos desenvolvidos em Filosofia Clínica até o momento. Dentro desse contexto, o consultório traz aspectos de verificabilidade. As considerações pedem cuidado com os Exames das Categorias. As Autogenias são compreendidas desde as bases categoriais. Assim, alguns tópicos da Estrutura do Pensamento, quando são determinantes em relação a eles mesmos e aos demais tópicos, podem constituir questões diante de certos contextos, a partir das bases categoriais. Por exemplo, quando ocorre um choque entre os tópicos Emoções e Raciocínio na Estrutura do Pensamento, isso poderá acarretar manifestações de acordo com o peso subjetivo que tais associações trazem à estruturação da pessoa. A pessoa raciocina, pondera, reflete sobre os elementos que lhe chegam e, isso, quando não encontra acolhida nas emoções, pode levar a choques e conflitos graves, conformações de outras ordens, ou seja, o coração ama e a mente argumenta que tal amor não é vantajoso; é uma entre inúmeras ilustrações possíveis.

Os cuidados são necessários, pois, em certos casos, não poderemos conciliar tais questões quando o contexto pede contextualização. Os conflitos são importantes, às vezes, para o crescimento existencial da pessoa; são elementos essenciais de passagem.

Por isso, os Exames das Categorias, como localizadores existenciais, a Historicidade e o entendimento da Estrutura do Pensamento são essenciais no estudo das Autogenias. Temos uma base referencial para as Autogenias. Não quem é a pessoa, mas onde está em um de seus endereços existenciais. Não o único endereço, mas sim um deles.

Segundo os padrões de compreensão de nossa época, a relação entre os tópicos da Estrutura de Pensamento, a organização, o que se passa em seus movimentos, ações, experiências, as interseções, os contextos, os movimentos da Estrutura do Pensamento aparecem de diversas formas. Por exemplo, duas pessoas podem ser casadas e habitar níveis autogênicos diferentes em suas interseções.

Este caderno inicia de aprofundamentos sobre as Autogenias horizontais e verticais, aquelas que mostram etapas de gradações, diante dos aspectos de conexão, de ordenação, de associação a partir de princípios possíveis em um patamar existencial ou a troca deste.

Diferente do que acontece com os índices de Autogenia Vertical e Horizontal, as Autogenias Transversais são de grande complexidade. Prescindimos dos dados temporais, espaciais, categoriais. São elementos frágeis, os transversais, pois estão fora das suas bases categoriais. Um mesmo fenômeno pode estar em vários segmentos concomitantemente; em geral, podem ser pessoas, coisas, pedaços de pessoas, fragmentos de pensamento ou situação etc.

Em desacordo com os contextos verticais, aqui o aspecto humano perdeu sua primazia axiológica.

Desse modo, o fenômeno das transversalidades, costuma fraturar, ignorar, alterar estados éticos e cognitivos em seus movimentos. Precisamos dos cuidados com as interpretações. As Autogenias são complexas, pedem prudência nas significações.

Eis as relevâncias ao entrarmos nas Sinonímias. Surgem a partir das Autogenias, e, portanto, na parte remota da Matemática Simbólica, ainda que elas auxiliem com alguns instrumentos para as pesquisas autogênicas. Campo que admite a desconstrução, o paradoxo como vivência, admite as construções inéditas do desenvolvimento. Sinonímias, os elementos Pós-Autogênicos.

A nossa caminhada de estudos até o momento em Filosofia Clínica encontra acolhida e fundamento nestes trabalhos avançados. Ou seja, a importância de elementos como a historicidade é mais uma vez considerada e recomendada.

Bruno Packter

Florianópolis, julho de 2018.

Em Filosofia Clínica, Autogenia diz respeito ao que ocorre na interseção entre os tópicos da Estrutura do Pensamento.



“Seus modos calmos talvez tivessem muito a ver com a pintura. Logo que ela se afeiçoou um pouco a mim, convidou-me para o seu “ninho de pardal”, onde pude observá-la pintando. Fiquei muito admirado com a lentidão, paciência e solenidade com que trabalhava. Já o cheiro do estúdio fazia dele um lugar especial, diferente de todos os outros; eu o farejei assim que entrei, mas o farejei lentamente, como tudo o que lá se fazia. Logo que ela tomou o pincel na mão, começou a descrever o que fazia. “E agora eu colho um pouco de branco, bem pouquinho. Sim, vou usar o branco, porque aqui não há outro jeito, simplesmente tenho de usar o branco.” Então repetia o nome da cor a todo o momento, e praticamente era tudo o que ela dizia. Entrementes, ela repetia o nome da flor que estava pintando, mas sempre seu nome botânico. Como ela pintava cada espécie separada, com todo o esmero — pois era o que sempre fizera para os livros de botânica —, aprendia-se com ela tanto os nomes latinos como as suas cores.”

Trecho de *A língua absolvida: História de uma juventude*, de Elias Canetti

Consideradas desde as bases categoriais e historiográficas da pessoa, as Autogenias evidenciam suas abrangências aproximadas, seus alcances, as variáveis que lhes dizem respeito.

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

A observância aos aspectos categoriais e historiográficos são elementos limitantes, estruturantes, organizacionais na pesquisa filosófica das Autogenias.



“A afirmação “a vida é uma obra de arte” não é um postulado ou advertência (do tipo “tente tornar sua vida bela, harmoniosa, sensata e cheia de significado – tal como os pintores tentam fazer suas pinturas, ou os músicos suas composições”), mas uma declaração de um fato. A vida não pode deixar de ser uma obra de arte se é uma vida humana – a vida de um ser dotado de vontade e liberdade de escolha.

Vontade e escolha deixam suas marcas na forma da vida, a despeito de toda e qualquer tentativa de negar sua presença e/ou ocultar seu poder atribuindo o papel causal à pressão esmagadora de forças externas que impõem um “eu devo” onde deveria estar “eu quero”, e assim reduzem a escala das escolhas plausíveis.

Ser um indivíduo (ou seja, ser responsável por sua escolha de vida, sua escolha entre as escolhas, e pelas consequências das escolhas que fez) não é em si uma questão de escolha, mas um decreto do destino. Com muita frequência, porém, é preciso exercer essa responsabilidade em condições que fogem inteiramente ao nosso alcance, seja intelectual ou prático. A vida humana consiste num confronto perpétuo entre as “condições externas” (percebidas como “realidade”, por definição um assunto sempre resistente, e muitas vezes desafiador, à vontade do agente) e designa seus autores/atores: seu propósito de superar a resistência, o desafio e/ou inércia, ativos ou passivos, da matéria e reconstruir a realidade de acordo com a visão da “boa vida” que escolheram.

Trecho de A arte da vida, de Zygmunt Bauman.

O que está acontecendo em nosso Mundo?

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....



(crítica de Benjamin ao capitalismo) “O capitalismo deve ser visto como uma religião, isto é, o capitalismo está essencialmente a serviço da resolução das mesmas preocupações, aflições e inquietações a que outrora as assim chamadas religiões quiseram oferecer resposta. A demonstração da estrutura religiosa do capitalismo, que não é só uma formação condicionada pela religião, como pensou Weber, mas um fenômeno essencialmente religioso, nos levaria ainda hoje a desviar para uma polêmica generalizada e desmedida. Não temos como puxar a rede dentro da qual nos encontramos.

Contudo, três traços já podem ser identificados na estrutura religiosa do capitalismo. Em primeiro lugar, o capitalismo é uma religião puramente cultural, talvez até a mais extremada que já existiu. Nele, todas as coisas só adquirem significado na relação imediata com o culto; ele não possui nenhuma dogmática, nenhuma teologia. Sob esse aspecto, o utilitarismo obtém sua coloração religiosa. Ligado a essa concreção do culto está um segundo traço do capitalismo: a duração permanente do culto. ...Em terceiro lugar, esse culto é culpabilizador. O capitalismo presumivelmente é o primeiro caso de culto não expiatório, mas culpabilizador. Nesse aspecto, tal sistema religioso é decorrente de um movimento monstruoso. Uma monstruosa consciência de culpa que não sabe como expiar lança mão do culto, não para expiar essa culpa, mas para torná-la universal, para martelá-la na consciência e, por fim e acima de tudo, envolver o próprio.”

Trecho de O capitalismo como religião, de Walter Benjamin

Os submodos informais em ilustrações:

“A mudança de paradigma da sociedade disciplinar para a sociedade de desempenho aponta para a continuidade de um nível. Já habita, naturalmente, o inconsciente social, o desejo de maximizar a produção. A partir de determinado ponto da produtividade, a técnica disciplinar ou o esquema negativo da proibição se choca rapidamente com seus limites. Para elevar a produtividade, o paradigma da disciplina é substituído pelo paradigma do desempenho ou pelo esquema positivo do poder, pois a partir de um determinado nível de produtividade, a negatividade da proibição tem um efeito de bloqueio, impedindo um maior crescimento. A positividade do poder é bem mais eficiente que a negatividade do dever. Assim o inconsciente social do dever troca de registro para o registro do poder. O sujeito de desempenho é mais rápido e mais produtivo que o sujeito da obediência. O poder, porém, não cancela o dever. O sujeito de desempenho continua disciplinado. Ele tem atrás de si o estágio disciplinar. O poder eleva o nível de produtividade que é intencionado através da técnica disciplinar, o imperativo do dever. Mas em relação à elevação da produtividade não há qualquer ruptura; há apenas continuidade.”

Trecho de Sociedade do cansaço, de Byung-Chul Han

“Weber não pretende, contudo, reduzir a sociologia à axiologia. Muito ao contrário. A interpretação axiológica, a seu ver, escapa à análise que se pretenda científica. O reconhecimento da componente moral não exclui que se expresse na forma de interesse material e que este busque consolidar-se através da autoridade. As constelações de interesses se correlacionam, pois, com valores morais e com tipos de dominação, achando-se excluída a possibilidade de, a partir de tais componentes, esgrimir-se esquemas simplificatórios.”

Trecho de Momentos Decisivos da História do Brasil, de Antonio Paim.

“Certa noite, Bono, o vocalista do U2, apareceu para jantar com alguns outros amigos. Passar o tempo com Bono era como jantar em um trem — parece que você está em movimento, indo a algum lugar. Bono tem a alma de um antigo poeta e você tem que ter cuidado perto dele. Ele pode rugir até a terra tremer. Também é um filósofo especulativo. Ele trouxe uma caixa de Guinness. Ficamos falando de coisas que se fala em uma noite e inverno — falamos sobre Jack Kerouac.”

Trechos de Crônicas: Volume Um, de Bob Dylan.

Ambientes existenciais de onde iniciar para o encontro com os espaços sinonímicos.



.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

“Li, pela primeira vez, alguns dos textos de física escritos por Aristóteles no verão de 1947, quando era um estudante de pós-graduação em física tentando preparar um estudo de caso sobre o desenvolvimento da mecânica para um curso de ciência para não cientistas. Como seria de esperar, abordei os textos de Aristóteles tendo clara em minha mente a mecânica newtoniana que eu havia lido antes. A questão que eu esperava responder era quanto de mecânica Aristóteles soubera, bem como quanto havia deixado para pessoas como Galileu e Newton descobrirem. Dada essa formulação, descobri rapidamente que Aristóteles não soubera praticamente nada de mecânica.

...

Estava sentado à minha escrivaninha com o texto da Física de Aristóteles aberto à minha frente, e com um lápis de quatro cores na mão. Levantando a cabeça, olhei distraído para fora da janela de minha sala – ainda conservo a imagem. Subitamente, os fragmentos em minha cabeça rearmaram-se de uma nova maneira, e encaixaram-se todos juntos em seus devidos lugares. Meu queixo caiu, pois, de repente, Aristóteles parecia, na verdade, um físico realmente muito bom, mas de um tipo que eu jamais havia sonhado possível. Agora, eu podia entender tanto por que ele havia dito o que disse quanto o peso de sua autoridade. Enunciados que antes pareciam erros clamorosos assemelhavam-se agora, na pior das hipóteses, a pequenos erros no interior de uma tradição poderosa e geralmente bem-sucedida. Esse tipo de experiência – as peças subitamente se rearmando e se organizando de uma nova maneira – é a primeira característica geral da mudança revolucionária que isolarei após considerar mais alguns exemplos. Embora as revoluções científicas deixem muita coisa para ser gradualmente completada, a mudança central não pode ser experienciada de modo fragmentado, um passo de cada vez. Ao contrário, ela envolve uma transformação relativamente súbita e não estruturada na qual alguma parte do fluxo da experiência se rearranja de maneira diferente e exhibe padrões que antes não eram visíveis.”

Trecho de O caminho desde a estrutura, de Thomas Kuhn

Quatro Preceitos Fundamentais em Sinonímias

Primeiro Preceito: trajetórias e manifestações.

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

“ÊXTASE MUSICAL. Sinto que perco matéria, que caem minhas resistências físicas e que me dissolvo em harmonias e ascensões de melodias interiores. Uma sensação difusa e um sentimento inefável me reduzem a uma indeterminada soma de vibrações, de ressonâncias íntimas e de envolventes sonoridades. Tudo o que acreditei ter em mim de singular, isolado em uma solidão material, fixado em uma consistência física e determinado por uma estrutura rígida, parece ter se transformado em um ritmo de sedutora fascinação e de imperceptível fluidez. Como poderia descrever com palavras o modo como crescem as melodias, como vibra todo meu corpo integrado em uma universalidade de vibrações, evoluindo em fascinantes sinuosidades, em meio a um encanto de aérea irrealidade? Nos momentos de musicalidade interior, perdi a atração de minha pesada materialidade, perdi a substância mineral, essa petrificação que me ata a uma fatalidade cósmica, para atirar-me em um espaço de miragens, sem ter consciência de sua ilusão, e de sonhos, sem que sua irrealidade me afligisse. E ninguém poderá entender o encanto irresistível das melodias interiores, ninguém poderá sentir o arrebatamento e a beatitude, a menos que desfrute dessa irrealidade, que ame o sonho mais que a evidência. O estado musical não é uma ilusão, porque nenhuma ilusão pode dar uma certeza de tal amplitude, nem uma sensação orgânica de absoluto, de incomparável vivência significativa por si só e expressiva em sua essência. Nesses instantes em que ressoamos no espaço e o espaço ressoa em nós, nesses momentos de torrente sonora, de posse integral do mundo, só posso me perguntar por que não serei eu todo este mundo.”

Trecho de O livro das ilusões, de Emil Cioran

Segundo Preceito: sinônimos são elementos pós-autogênicos.



.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

“Quem sou eu? Que fiz eu de minha vida? Até gosto de me ser, tal qual sou, mas reconheço que meus méritos são escassos. Minhas mãos, inúteis para fazimentos, só servem para escrever e acariciar. Não sei dançar, nunca soube, o que sempre me vexa. Olho, idiota, o céu, maravilhado de seu esplendor, sem reconhecer constelações ou estrelas. Das árvores inumeráveis do meu mundo brasileiro, todo feito de arvoredos os mais variados, reconheço uma dúzia, se tanto. Diante das flores, do milagre de suas formas, cores, perfumes, eu paro perplexo. Só reconheço rosas, cravos, jasmims, girassóis e umas poucas mais. A música clássica, prodigiosa criação humana, me assusta e me cansa. Fala a outros muito mais que a mim. De todas as coisas desse mundo tão variado, a única que me exalta, me afeta, me mobiliza, é o gênero humano. São as gentes. As ínvias gentes índias, com quem convivi intimamente tantos anos, os mais belos que vivi.”

Trecho de O Brasil como problema, de Darcy Ribeiro.

Terceiro Preceito: estruturas e modos organizacionais.



.....

.....

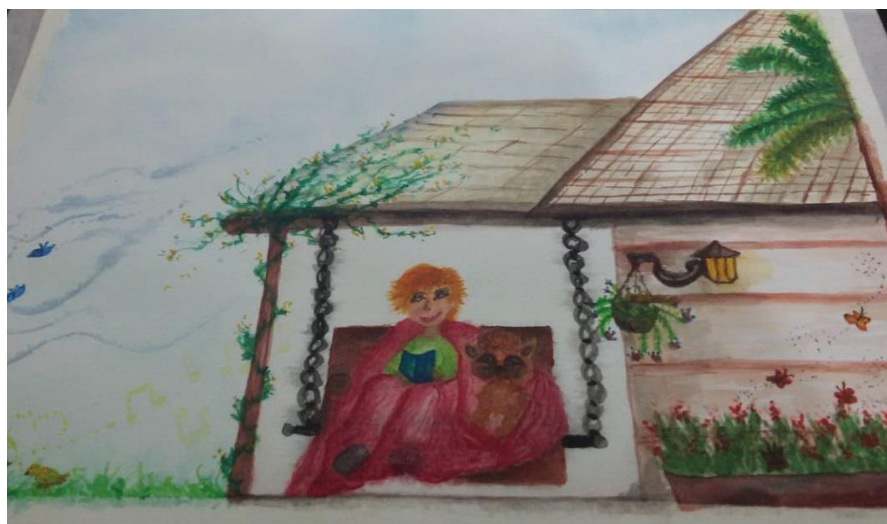
.....

.....

.....

.....

Quarto Preceito: todas as coisas são tudo; tudo é cada coisa; ser e não ser e outras conformações.



.....

.....

.....

.....

.....

Prática de Sinonímias

Exercício I - Como é possível estar em vários lugares ao mesmo tempo.



.....

.....

.....

.....

.....

.....

Exercício II - Estar no futuro, mas não no presente, e sim no passado.

.....

.....

.....

.....

.....

.....

Exercício III - Uma folha de papel sustenta um prédio de cinco andares.

.....

.....

.....

.....

.....

.....

“Tu me perguntas, como sei que minha filosofia é a melhor entre todas as que alguma vez foram ensinadas no mundo, ou são ensinadas agora, ou serão ensinadas no futuro. Isso, em realidade, eu posso perguntar com muito melhor direito. Pois não presumo que tenha achado a melhor filosofia, mas sei que penso a verdadeira.

...

Mas tu que presumes que afinal achaste a melhor religião, ou mormente os melhores homens, a quem entregaste tua credulidade, como sabes que eles são os melhores entre todos os que ensinaram outras religiões, ou as estão ensinando agora, ou as ensinarão no futuro? Terás examinado todas essas religiões, as antigas e as modernas, que são ensinadas aqui e na Índia e em todos os lugares ao longo do mundo? E até mesmo se as houveres examinado propriamente, como sabes que escolheste a melhor? Pois não podes dar nenhuma razão por tua fé. Mas tu dirás que te assentas no testemunho interior do espírito de Deus, enquanto os outros estão enganados e desviados pelo príncipe dos espíritos maus.”

Trecho da carta que Baruch Spinoza respondeu a seu aluno Albert Burgh, em 1675.

Exercício IV - O oceano dentro de um copinho de água.

.....
.....
.....
.....
.....
.....

Exercício V - Uma folha de papel sustenta um prédio de cinco andares.

.....
.....
.....
.....
.....

“O Idealismo moderno, se de alguma forma afirma qualquer conclusão geral a respeito do universo, afirma que este é espiritual. Há dois pontos a respeito disso para os quais eu gostaria de chamar a atenção. Estes pontos são que, qualquer que seja seu exato significado, a afirmação certamente quer dizer (1) que o universo é mesmo muito diferente daquilo que parece, e (2) que ele tem um grande número de propriedades que não parece ter. Cadeiras, mesas e montanhas parecem ser muito diferentes de nós; mas, quando se declara que o universo todo é espiritual, quer-se, de fato, afirmar que aquelas coisas são muito mais parecidas conosco do que pensamos. O idealista pretende afirmar que em algum sentido, elas nem são desprovidas de vida nem inconscientes como, certamente, parecem ser. Eu não penso que sua linguagem seja tão grosseiramente enganadora, mas que nós devemos assumir que ele crê que elas realmente são mesmo muito diferentes daquilo que parecem ser. Em segundo lugar, quando ele declara que elas são espirituais, espirituais, tem a intenção de incluir nesse termo um grande número de propriedades diferentes. Quando o universo todo é declarado como espiritual, a intenção não é somente que ele seja, em algum sentido, consciente, mas que ele tenha aquilo que nós reconhecemos em nós mesmos como sendo as mais altas formas de consciência. Que é inteligente; que tem propósito; que não é mecânico; todas essas coisas diferentes são geralmente afirmadas dele. Em geral, pode-se dizer, esta frase “a realidade é espiritual” excita e expressa a crença de que todo o universo tem todas as qualidades das quais se pensa que as ter é o que nos faz tão superiores às coisas que parecem ser inanimadas: ao menos, se ele não tem exatamente aquelas que nós temos, ele tem não apenas uma, mas muitas outras que, pelo mesmo padrão ético, seriam julgadas iguais ou melhores que as nossas. Quando dizemos que ele é espiritual, queremos dizer que tem um bom número de excelentes qualidades, diferentes de quaisquer que nós geralmente atribuímos, quer a estrelas, quer a planetas ou a xícaras e pires.”

Trecho de ensaio de George Edward Moore refutando o idealismo.

